



ABALADOS

DISPONIBILIZAÇÃO E REVISÃO INICIAL: MIMI

REVISÃO FINAL: ANGÉLICA

GÊNERO: HETERO / CONTEMPORÂNEO



Treze histórias acima. Dois corações partidos. Uma última chance...

A vida do cirurgião Grant Sullivan, uma vez perfeita está em ruínas. Sua filha se foi, perdida em um trágico acidente, ele não ousa permitir-se a lembrar – e sua linda esposa agora olha para ele de toda uma mesa jurídica, insistindo que não quer nada com ele.

Julia Sullivan perdeu tudo, especialmente suas ilusões sobre o seu casamento, depois do acidente. Sua dor só parecia conduzir Grant ainda mais em sua concha, exceto para as noites que se virava para ela em paixão, em silêncio furioso. Incapaz de viver como um fantasma em sua antiga vida, ela empacota o que sobrou de seu coração partido e está pronta para seguir em frente. Sozinha.

Determinado a quebrar o impasse, Grant segue Julia no elevador apenas a tempo para um terremoto. Preso por horas em uma panela de pressão construída de dor indizível, ele vai fazer de tudo para lembrá-la o que está deixando para trás, tão deliciosamente como pode. Mas dar a ela o que precisa para salvar seu casamento é a única coisa que pode destruir sua alma.

Aviso: Coração quebrado e paixão desesperada – uma médico determinado a salvar seu casamento a qualquer custo ... Exceto para o segredo que sua esposa fará qualquer coisa para descobrir.



COMENTÁRIOS DA REVISÃO

MIMI

Sinceramente estou aqui pensando em como colocar minha emoção no papel. É tanta angústia, tanta dor que esse casal passou, que sinceramente chorei junto. Estou cada vez mais encantada com a autora, ela conseguiu mesmo tirar o melhor dos personagens numa situação tão complicada como a perda de um filho. E ao mesmo tempo eles não perderam o amor, o desejo, um pelo outro. Só me resta o jargão “O amor supera tudo.”

ANGÉLLICA

Preparem os lenços, por que vai vazar.

Linda esta história e diferente. Estamos acostumadas aos encontros e desencontros e ai fica aquele vácuo. Este romance começa no auge da crise conjugal: cobranças, angústia, muita dor e emoção a flor da pele.

Vencer obstáculos e lutar juntos foi o que este casal fez, temperado e regado a cenas quentíssimas dentro de um elevador... prepare o coração.



CAPÍTULO UM

Deus, ela é linda.

Ele estava pensando isso por uma hora. Inferno, ele foi pensando isso por oito anos. A partir do momento que entrou em seu escritório e encontrou-a lá com sua mãe, nervosa, esperando o grande cirurgião cardíaco Dr. Grant Sullivan. Ele não sabia o quão grande ele era, mas era assim que ela o fazia sentir. Ele tinha sido capaz de tratar a mãe, mas Julia foi a razão pela qual ele olhou para frente nos compromissos da mulher mais velha.

Dez anos mais velho que ela, ele deveria ter pensado melhor antes de ceder à tentação de lhe pedir para jantar, uma vez que suas obrigações com a mãe foram mais, mas algo sobre Julia cativou-o do que o primeiro vislumbre e tinha ainda, mesmo agora para deixá-lo ir. Mesmo depois de tudo o que tinha passado. Se apenas Julia sentisse o mesmo.

Se o fizesse, não estaria sentado no escritório de um advogado em um dia de inverno nublado, em lados opostos da mesa, conseguindo um divórcio.

Ele deixou claro, os seus olhos sobre ela, desejando que fossem suas mãos. O que ele não daria para puxar os pinos de seu cabelo glorioso. Deveria estar livre, fluindo como o sol sobre os ombros nus, ou melhor ainda, sobre seu travesseiro em sua cama. Em vez disso, foi bem apertado, girado em um coque na nuca de seu pescoço. O estilo calmo combinava com o terno listrado preto levemente solto que ela usava. A saia veio nos joelhos, mostrando panturrilhas cremosas e tornozelos finos que tinha traçado com os seus lábios mil vezes. Uma blusa acetinada espiou por debaixo do casaco, o seu colarinho alto amarrado com um nó de cetim no lado esquerdo do pescoço. Profissional, frio, reservado.

Ele não gostou.

Julia nunca foi reservada e com certeza nunca tinha se vestido assim. Com suas pernas de constituição compridas, magra com curvas tentadoras, ela nasceu para vestidos de verão e



usava-os durante todo o ano. Suas memórias favoritas quase todas incluíam o filme de sua saia e um olhar atrevido por cima do ombro para ele. Ela tende a ser tranquila, com pessoas que não conhecia, mas sua inteligência surpreendente e sua paixão lúdica pela vida, que sempre brilhou de seus olhos de céu azul, não importa o que ela fizesse. Agora ela parecia amarrada e trancada. Ele não gostava de como ela parecia cansada, também. Magra. Quase incolor. Tênuos hematomas de sombra roxa na pele macia sob seus olhos. Cansaço e dor puxaram dos cantos da boca avermelhada e as bordas de seus olhos.

Ela ainda chorava para dormir.

Seu coração apertou apertado, sua própria dor batendo em seu pulso. Se ela apenas ficasse com ele, ele poderia ajudar. Ele *tinha* ajudado. Noite após noite, quando as lágrimas vinham, ele tomou-a nos braços, beijou-as fora de suas bochechas. Lambeu-as de seus lábios do sol cor de rosa. Ele sabia o quanto doeu, que a dor que encheu os dois das pontas dos seus dedos para o fundo dos seus corações, fazendo-os sentir como se alguém tivesse arrancado suas entranhas e os deixado vazios. Como se algo horrível estivesse sugando o vazio, tendo mais do que tinham para dar.

Ela não estava mais lá para o conforto. Ela não voltou seus beijos, não segurava firme seus ombros quando ele virou a dor em algo que valia a pena sentir. Não ajudava-o a preencher o vazio com paixão até que ambos pudessem finalmente dormir. Ele ainda podia sentir o cetim de seus seios contra seus lábios quando ele acordava durante a noite, ouvir os soluços que vieram de prazer em vez de desgosto. Seu gosto, seu calor, o consolo de deslizamento profundo em seu corpo, em seus braços ... Apenas lembranças agora. O cheiro dela havia desaparecido de seu apartamento nos dois meses desde que ela deixou. Ele encontrou-se dormindo em seu armário algumas noites, porque era o único lugar que o cheiro dela ainda era forte o suficiente para acalmá-lo. Mas mesmo esse estava desaparecendo.



Ele olhou através da mesa, perguntando se podia sentir seu desejo por ela. Será que ela ainda o esperava?

Ela não encontrou seu olhar uma vez desde que veio dentro. Ela não podia olhar para ele? Ou será que a culpa por deixá-lo mantinha os olhos sobre as mãos firmemente cerradas no colo? Ela tinha que saber que ele a estava olhando, seu rosto tinha esse rosa suave quando normalmente ficava brava com ele. Ela costumava dizer que poderia dizer quando foi a despi-la com os olhos e nunca deixou de fazer corar. Sabia quando ele estava fazendo amor com ela com seus pensamentos?

"Grant." A voz tranquila de seu advogado interrompeu. "É aceitável para você?"

Grant desviou o olhar do rosto de Julia e encontrou o rosto indesejado de algum advogado que outro cirurgião no hospital tinha recomendado. Grant teve dificuldade em lembrar seu nome, algo como Soaring Eagle? Talvez Jack? Assim tudo o que ele fez foi levantar uma sobrancelha. "O que é aceitável?"

Irritação cintilou no rosto bronzeado do homem, mas ele sufocou rapidamente. "Estamos discutindo a divisão de bens."

Grant voltou seu olhar de volta para Júlia, mas ela não pareceu notar. O advogado dela era uma mulher, cabelos e olhos escuros, sussurrando algo em seu ouvido. Julia balançou a cabeça, embora seu advogado parecesse decididamente infeliz com tudo o que foi que Julia não quis ouvir. *Bem-vindo ao meu mundo, senhora.*

"Deixe que ela tenha qualquer coisa que queira." Deus sabia que devia a ela.

"É isso mesmo, Grant, ela não quer nada. Apenas suas roupas e documentos pessoais, que ela diz que já tem em sua posse."

Grant franziu o cenho. "O que sobre o suporte?"

Seja qual fosse o nome disso – sacudiu a cabeça. "Ela não quer."

Ele voltou sua atenção de volta para onde pertencia. "O que você quer dizer com não quer o apoio?" Como você deveria viver?"



Ela finalmente tinha que olhar nos olhos dele, o efeito como um soco no queixo. "Eu tenho voltado a tocar."

Seu violoncelo. Ela nunca parou de tocar, realmente, mas quando eles se conheceram, ela tinha estado em seu caminho para uma carreira sinfônica promissora. Ela virou tudo para baixo, por ele. Por *eles*. Às vezes, se ele a incomodava bastante, ela tocava para ele e Aut... Cortou o pensamento fora impiedosamente.

Não fazia bem lembrar. Só machucava e ele não tem o direito de machucar.

"Há sempre um convite permanente para mim com JD e a Orquestra de Dallas, você sabe disso."

JD Kinsella não tinha estado feliz a perder sua protegida ao casamento, e que ele tinha feito nenhum osso sobre não gostar de Grant. Sua animosidade ao longo dos anos se estabeleceu em uma aceitação relutante que nenhum deles estava deixando sua vida. Até agora... "Eu já fiz arranjos para aceitar."

"Você o quê?" *Dallas*? Mesmo a lembrança de seu mentor não lhe importava tanto quanto o que ela tinha acabado de dizer. "Você está deixando Laguna? QUANDO?"

Ela não vacilou em seu próximo grunhido. "Assim que o divórcio seja resolvido. Se você estiver realmente vendendo a sua clínica, a forma como o advogado diz, você não tem dinheiro de sobra de qualquer maneira. Então eu não preciso de nada de você."

Como o inferno, ela não precisa. "Você precisa de apoio."

Seus lábios se curvaram apertado. Esse brilho teimoso. Quantas vezes ele tinha enfrentado e conhecido no fundo de seu intestino que não ia ganhar um argumento? "Eu não quero seu dinheiro."

"*Eu* não quero o divórcio." Lembrou a ela, esperando que se lembrasse que podia ser tão teimoso, também.

"Parece que nenhum de nós consegue ser feliz."



"Grant." Seu advogado interrompeu, a voz baixa e urgente. "Eu seria negligente se não salientasse que deixá-la ir sem pensão alimentícia está em seus melhores interesses."

"Ela é a única coisa que eu estou interessado." E ele fizesse certo que ela o ouviu dizer. "Eu posso viver o resto da minha vida nessa clinica que vale a pena e ela sabe disso. Se ela vai sair de nosso casamento, ela está muito bem indo pelos meus termos. Sem apoio, sem divórcio. Tempo."

"Você não pode estar falando sério." Respondeu a advogada de Julia, seus olhos escuros cheios de choque.

"Pare com isso, Grant." Mas Julia sabia. Ele podia ver isso em seus olhos. Ele não ia deixá-la sair da sala chutando-o fora de seus saltos como o pó, que ela não queria manchar a sua vida mais.

"Não." Foi a palavra mais satisfatória que ele disse em meses.

Ela balançou a cabeça e olhou para longe. "Porque você não pode me deixar ir?"

Muitos motivos. Demais para dizer a ela com esses dois de cada lado da mesa e uma mulher mais velha batendo longe em uma pequena máquina estenográfica no canto. Porque ele precisava dela, porque seu mundo inteiro falhou sem ela. Porque estar com ela era a única maneira que ele poderia manter a dor sob controle, mesmo que não merecesse um único minuto em sua presença. Ele tinha falhado com ela quando mais precisava dele. Ele não merecia estar na sala com ela agora. Mas, ainda assim, tudo que queria era a chance de, se não torná-lo direito torná-lo melhor.

"Porque você não pode ficar?"

Ela fechou os olhos, lentamente, e os manteve fechados enquanto lágrimas riscaram por suas bochechas.

Ele ouviu os braços de sua cadeira de couro rangerem sob seu controle, como se levantasse para ir com ela.



"Porque eu não posso ficar com um homem que não pode mesmo lamentar sua própria filha."

Grant tentou chupar em uma respiração, mas ele não quis vir. Seu peito estava sólido, pesado. Ele afundou-se na cadeira.

"Sinto muito, não posso fazer isso."

"Julia." Ele sufocou o nome dela, mas ela já estava empurrando a cadeira para trás e correndo para fora da sala. "Julia!"

Então, ele estava de pé, a segui-la.

"Dr. Sullivan, eu não acho..."

Mas qualquer que fosse o pensamento da advogada de Julia não importava muito a ele. Ele saiu, seguindo as portas abertas para o corredor. Ela já entrou no elevador, no final, os olhos arregalados ao vê-lo se aproximar. As portas começaram a deslizar fechadas. Se seu rosto tinha mostrado alívio, ele poderia ter parado. Em vez disso, ela olhou para as portas que se deslocavam em pânico.

Era tudo o que ele precisava para começar a correr.



CAPÍTULO DOIS

As portas fecharam quando ele limpou o salto do sapato. Julia olhou para o marido com uma mistura de horror e alívio. Parecia ser a história de sua vida nestes dias. Nada além de uma mistura de emoções, miséria e confusão e uma necessidade desesperada de fechá-los para fora. Grant ofegava, recuperando o fôlego da corrida curta.

Julia apertou os braços em torno de si, odiando o quanto ela queria envolvê-los em torno dele em seu lugar.

Não ligue para ele. Ele vai te abraçar, mas não vai ser real. Nunca foi real.

Não que a palavras de incentivo fizeram a ela qualquer bem. Como poderia um homem parecer tão bom e tão horrível ao mesmo tempo? Ele tinha perdido peso desde o acidente, mas ainda mais desde que ela o deixou. Seu cabelo preto grosso caiu sobre a testa, coberto por um total de 7 centímetros. Inacreditavelmente, estrias de prata haviam crescido nas têmporas, algo que nunca tinha estado lá antes. Ele não tinha feito a barba do dia, a barba escurecendo a linha forte de sua mandíbula e de alguma forma fazendo seus olhos cinzentos parecerem brilhar.

Outro par de dias e seria uma barba cheia. Ela gostava de olhar mais sobre ele, descobrindo isso só depois que Autumn nasceu. O bebê tinha assegurado a ele que eles não tinham nem tempo para dormir, nem a capacidade de tomar mais do que passar o cuidado de si, e Grant não tinha raspado até que ele tinha voltado a trabalhar. Ele nunca pareceu notar o que o restolho de um dia fez por sua aparência. Fez jovial. Sexy, amarrotado, tipo *nunca deixe a cama*. Dada a sua falta de um empate, o pescoço de sua camisa cinza nem totalmente abotoada, e sua jaqueta preta parecendo mais de um adereço do que uma escolha planejada, ela pensou um pouco que Grant não foi deixando sua cama muito em tudo ultimamente.



Contra sua vontade, ela se lembrou de estar lá, se aconchegando contra ele nos cobertores. Manhã de sábado, quando ela tentava ler um livro e ele fingia ler um jornal. E sempre terminava o mesmo.

A mão de Grant aprontava na barra de sua saia camisola, facilitando a seda ao longo do seu traseiro com uma coceira e uma provocação. Acariciando a dobra onde sua coxa encontrava seu fundo e seguia-o com a ponta do dedo. Com a boca. Uma mordida... um beijo... uma lambida. Oito anos juntos e ela nunca tinha terminado um livro, quando ele estava por perto.

Ela tinha lido 12 nos últimos dois meses.

E não se lembrava de uma palavra de qualquer um deles.

"O que você está fazendo?"

"Seguindo você." Ele respondeu, sua voz ressoando mais áspera do que nunca. Seus dedos roçaram sua bochecha, alisando uma mecha solta de seu cabelo para trás. Sua pele aquecida com apenas um toque minúsculo. Um polegar áspero traçou a pista molhada de lágrimas. "Certificando-me de que está tudo bem."

Dor lançou nela, uma risada assustadora frágil dela. Ela não tinha estado bem por quase um ano. Não, desde aquela noite chuvosa em janeiro passado. Desde o segundo que as rodas do carro perderam o contacto com a estrada, balançando-os de lado e doentamente na viga de metal que deveria ter mantido-os na estrada.

Deveria ter...

Ela empurrou para fora de seu domínio solto. Mais vinte segundos e eles estariam no lobby. Ela estaria livre.

Sozinha. Até então... "Eu não estou. Mas isso não é problema seu."

"Você sempre será a minha preocupação. Você sabe disso. Qualquer coisa que você precisar, eu vou dar."



"Não é nada." Ele a apoiou, cuidou dela, disse a ela que a amava. Mas nunca lhe daria o que precisava dele. Um parceiro de luto. A sensação de que ela não estava sozinha nessa agonia. Toda vez que ela chorou, podia senti-lo apoiando-se contra ela. Podia sentir sua impaciência com ela para não deixá-lo ir, mês após mês. Até que ela não podia suportar além de recuar. O que disse a ela nos últimos oito anos foram uma mentira total e completa.

"Não." Ele concordou, sua voz pouco mais que um suspiro em sua nuca, e ficou atrás dela. Ela podia sentir o calor dele através de suas roupas. Tudo o que tinha a fazer era se inclinar para trás e ele envolveria seus braços em volta dela.

Ele tomaria sua dor em seus ombros largos e daria-lhe nada em troca. "Qualquer coisa em meu poder, no entanto, é seu."

Ela assentiu com a cabeça, mas só porque precisava. Se ela não o fizesse, diria coisas que se arrependeria. Ela teve de engolir as palavras de volta para baixo. A dor, as acusações de que ele a deixou sozinha no presente, que ele tinha mentido.

Mentido para ela, mentido a *Autumn*.

Ela ainda podia ver as mãos do bebê rechonchudo, com covinhas nas juntas, apertando a cabeça inteira, enquanto ele soprava em sua barriga de bebê. Ela parecia tanto com ele, com exceção de seu cabelo castanho colorido. Quando ela nasceu, tinha sido sua ideia de chamá-la de Autumn, porque o cabelo dela era a sombra muito antes de cair. Um meio perfeito entre seu ébano escuro e o seu próprio dourado demasiado pálido. Julia tinha enganado a si mesma, *queria* enganar a si mesma, que o seu interesse ávido em sua filha tinha sido amor. Ela não queria sentir que o tinha aprisionado.

A honestidade era uma pílula amarga.

"Sinto sua falta." Ele murmurou, suas mãos se fixaram em seus braços. Acariciou sua cabeça contra a dela, quase como se ele estivesse respirando-a dentro. "Sinto malditamente a sua falta, Jules."

Ela balançou, as lágrimas já a cegando. "Grant, não..."



"Eu sei, eu sinto muito. Eu estou tão triste." Mas ele não se afastou. Se qualquer coisa, ele estava mais perto.

Um soluço rasgou, embora ela tentasse sufocá-lo com a mão.

"Não termine conosco, Julia. Não assim. Não..." Sua cabeça levantou, ao mesmo tempo em que ela percebeu o que estava acontecendo novamente. O mundo todo girou nauseante, de repente a fiação, luzes piscando antes de deixar completamente.

"Grant!" Seu sussurro urgente se transformou em um grito, assim que o elevador balançou a uma parada brusca, derrubando os dois para o chão em uma expansão estranha. Mas o movimento balançando não parou. Se alguma coisa ficou mais forte... como se o carro do elevador de repente fosse balançando como um pêndulo.

Não, o elevador.

O edifício.

"É apenas um terremoto." Grant retumbou da escuridão embaixo dela. A oscilação continuou, um gemido gigante de metal contra metal soando em torno deles.

Sua respiração veio em ofegos que raspou em seus ouvidos, até o rolamento finalmente parar. Abrindo os olhos lentamente, ela percebeu que não precisava se preocupar com suprimir sua necessidade de tocá-lo mais. Ela estava apertando-o tão apertado, o rosto pressionado contra o peito, era uma maravilha, ele estar respirando, e muito menos falando.

Apenas um terremoto. Deixe a conceder a marginalização de um ato de Deus. Mas, então, sabia o que ele estava realmente dizendo a ela. Eles não estavam no carro. Este não era o acidente.

Um clique metálico começou em cima, até macias luzes azuladas virem, iluminando o espaço pequeno.

As luzes de emergência.

"Um 5-6, 5-7, eu diria. O que você acha?" Questão prática. Encalhados, mesmo.



Mas não deu muito certo. Julia ainda não podia desprender os dedos de sua camisa. "Isso não se sentiu como um 5-7. Mais como um oito."

"Isso é porque nós estamos em um arranha-céu. Influência extra para o edifício não cair."

"Claro, porque você aprendeu *isso* na escola de medicina." Ela fechou os olhos novamente, culposamente relaxando contra o seu corpo. Ela já estava aqui, depois de tudo. E ele se sentiu tão reconfortante. Forte, familiar. Parte do seu coração afundou com alívio estar de volta aqui, onde por tanto tempo ela pensou que pertencia.

"Não me lembro de onde peguei isso, na verdade. Pensei que era de conhecimento comum aqui em Cali."

Ele não parecia com pressa para chegar. Uma de suas mãos estava na parte baixa das suas costas, um peso aquecido que perdeu nestes últimos meses.

"Eu cresci aqui, também. Sempre pensei que edifícios altos sentiriam menos." Seu ombro engatou debaixo dela. Sob seu ouvido, seu batimento cardíaco bateu para fora num mesmo ritmo. Isso era Grant. Nunca abalado.

Essa constatação foi suficiente para levá-la a sentar-se. Melhor não pensar nisso. Ela suspirou, olhando ao redor, desejando que houvesse mais do que os painéis de metal polido e trilhos de ouro para falar. Ao redor deles, havia apenas reflexos da última coisa que eles deveriam falar sobre outro.

Grant se sentou junto a ela, passando a mão pelo cabelo preto e escovando-o fora de seus olhos. "Você está bem? Nada machucado? Nada quebrado?"

Apenas o seu coração. Ela fez um balanço, apenas no caso, mas não havia nada. Eventualmente, tinha que encontrar seu olhar novamente. Foi um erro. Ela percebeu que, tão logo ele baixou a cabeça e afirmou lábios. Ela deveria ter se afastado. Deveria tê-lo empurrado.



Mas não o fez. Ela colocou as duas mãos sobre os lados de seu rosto eriçados e deixou-se ter mais um gosto do céu. Mais um momento para sentir a boca firme sob a dela, seu sabor quando sua língua varreu em sua boca. Paixão doce e drogas inundaram seus sentidos. Apenas Grant podia fazer isso com ela, reduzi-la a simples sensação com um único beijo. Mas isso foi muito mais do que um beijo. Esta foi à demanda.

Desespero. Necessidade. Ele devorou, bebeu-a e segurou-a como se estivesse tentando levá-la para dentro. Como ela poderia parar com isso, quando queria exatamente a mesma coisa? Mais um momento. Apenas um último gosto...



CAPÍTULO TRÊS

"Olá?"

A voz desencarnada masculina assustou Julia do beijo de Grant. Ele sentiu-a ofegar, ao mesmo tempo os saltos das mãos empurraram seus ombros. Ele não podia deixá-la ir, suas mãos se fixaram em seus quadris, mas deu-lhe o espaço que ela pediu.

"Olá? As câmeras estão inoperáveis, alguém ferido aí dentro?"

"Olá?" Ela chamou, ainda parecendo sem fôlego, com a mão apressadamente escovando a franja longa fora de seu rosto. Ela deve ter se soltado de seus pinos na queda, um lembrete tentador da mulher sob a fachada. Ela ficou de pé, indo para o painel onde todos os botões estavam. Concedendo a soltou e esfregou as costas da cabeça, onde ele bateu contra o chão. Sem sangramento, sem inchaço, nada para se preocupar. Ela caiu sobre ele, ou seja, o peso provavelmente tinha tomado em seus joelhos. Um olhar superficial não revelou nenhum dano. Ele estudou um pouco mais duro, visualmente traçando a forma de suas panturrilhas, a linha de sua coxa todo o caminho até a curva completa de sua bunda. Como se ele tirasse os olhos longe disso.

"Olá." Ela disse novamente, tendo encontrado o botão de emergência do intercomunicador, curvando-se para falar diretamente nisso. Ainda bem que ela não estava olhando para ele, não apreciaria seu sorriso satisfeito. "Estamos aqui. Ninguém ferido, só um pouco arranhados. Você será capaz de reiniciar o elevador logo?"

"Normalmente, sim, mas nosso sistema não responde. O terremoto parece ter provocado algum tipo de bloqueio."

Grant se endireitou, sua atenção no interfone completamente agora.

"Você tem luzes e ar e se ninguém está machucado, então temo que poderia ser algum tempo, até que possamos tirá-los daí. Sinto muito, mas os serviços de emergência vão estar



amarrados com resgates de vida em risco. Nossos técnicos estão em seu caminho, vocês só segurem firme e batam o interfone se a situação alterar, ok?"

Quem era o cara, ele não esperou por uma resposta. Julia, no entanto, olhou para o painel irremediavelmente.

Quando ela não se moveu por um sólido minuto, Grant suspirou. "Pode muito bem vir se sentar. Nós não estamos indo a lugar nenhum por enquanto." Um fato que tinha que ser o primeiro intervalo que teve em um ano. Tempo com ela.

Possivelmente horas. Tempo para raciocinar com ela. Convencê-la deste movimento ridículo, este divórcio ridículo. Ela não precisava deixar de tocar profissionalmente. Ela não tinha que deixá-lo, ponto. Eles ainda se amavam.

Eles poderiam passar por isso. Eles só precisavam de tempo, e por alguma razão Grant não estava disposto à questão, Deus finalmente tinha visto a sua maneira de dar-lhes algum.

Ele assistiu a ascensão de sua forma ágil toda a sua altura, seus olhos vagando de seu rosto para seu pescoço, seus seios, suas pernas todo o caminho até os dedos dos pés. O primeiro passo foi lembrando-a do que eram um ao outro.

Metades perfeitas um do outro.

Ele não poderia dizer com certeza à luz não muito branca, mas ele, em vez pensou ter visto um flush suave subindo ao longo da borda arredondada de sua mandíbula. Ela virou o rosto para ele e tinha certeza de que estava lá. Poderia dizer pelo estreitamento de seus olhos que ela sabia exatamente o que ele estava pensando. Como seria fácil deslizar o casaco de seus ombros, puxar o lenço acetinado ao lado de seu pescoço livre e arrancar os botões perolados abertos, um por um, para encontrar a pele cremosa por baixo. O que ele queria *fazer* com toda aquela pele cremosa...

Ele se levantou, já descartando seu casaco.

Ela observou, nem mesmo balançando a cabeça. Só mordendo o lábio. Em antecipação? Apenas uma maneira de descobrir.



Julia encostou-se à parede do carro do elevador, observando seu marido cada vez mais perto, cada passo um movimento lento e perseguição. Ela ainda podia saboreá-lo em seus lábios, sabia o que ele planejava fazer, se ela deixasse-o perto o suficiente. A pergunta era se queria ou não.

Não, não era mesmo uma pergunta.

Se ela *deveria*.

Seu corpo tremia, não de medo, ela nunca poderia ter medo de Grant, mas com a necessidade. Aquele beijo inflamou sentimentos demais, algo despertou nela que tinha estado abençoadamente dormente, desde que ela tinha deixado a sua casa.

O desejo.

Ele ficou quase sobre ela agora, seus corpos quase se tocando. Seu calor a chamou, sua respiração. Se ela o quisesse, tudo o que tinha que fazer era chegar e tocar. Desfazer os botões da camisa cinza, encontrar a carne musculosa abaixo. Em seguida, ela seria capaz de pressionar o rosto para a pele, prová-lo com beijos molhados, sugando, que fez gemer no fundo de seu peito. Seus dedos coçavam, prontos para buscar as ondulações musculosas ao longo de suas costelas.

Ela apertou-os no corrimão de metal em vez.

Foi por isso que ela o tinha deixado. Porque Grant transformou cada momento de silêncio, cada oportunidade de falar, para o sexo. Ele desapareceu do seu emocional, verbal, fisicamente em todos os sentidos, exceto para os momentos que foi despi-la. Dando prazer a ela. Enchendo-a até que ela gritou de prazer primal dele. E então ele sempre a deixava depois. Deixava-a mais a sós com cada experiência, até que ela sentiu como se não houvesse mais nada dela. Ela não podia enfrentá-lo novamente.

"Este não é o lugar para o que você está pensando." Disse ela, mas o argumento não tinha a força que sabia que precisava.



"Este é o único lugar que nos resta, você não acha?" Seu dedo tocou seu queixo, suave como uma pluma, inclinando o rosto para o seu. "Você não sentiu falta disso, Julia?"

Tanto o seu corpo, sua alma, doía dia e noite.

Seus lábios roçaram os dela. "Eu sinto que estou a respirar novamente, pela primeira vez em meses." Mais pressão firme... ou ela tinha levantado sobre seus dedos para pressionar mais perto? Ela não tinha certeza. "Como o meu coração está batendo de novo, apenas tocando em você."

O dela, também. Batendo tão rápido que parecia uma vibração.

Seus dedos deixaram sua mandíbula, as costas deles arrastando para baixo no pescoço para a gola da blusa, que parecia que estava a estrangulá-la. Ele puxou o laço, suavemente. Pedindo permissão. Deus, como ela queria se dar para ele.

Ela olhou para cima, com o rosto tão próximo ao dela, mas seu olhar estava na gravata em seu pescoço. Seus cílios pretos espalhados como fãs de espessura um pouco acima das maçãs do rosto acentuadas. Tão abatido, tão... perdido. Ela levantou a mão ao rosto, a barba pesada fazendo cócegas em sua palma. Se ela cedesse, porém, ele teria ido num piscar de olhos ...

Bateu nela então. Ido para onde? Eles estavam presos. Ele não podia andar longe desta vez. Não poderia deixá-la para trás. Não poderia esconder de suas perguntas. Seu amor.

Contra todo o melhor julgamento, esperança brilhou em seu coração.

"Deixe-me tocar em você, Jules." Ele sussurrou aproximadamente, abaixando a boca para o canto dela. Lentamente, ele fez o seu caminho para baixo de seu corpo, tocando, mas não tomando. Quase como se ele não se contivesse. Até que se ajoelhou diante dela, com as mãos sobre as coxas, esperando. Observando-a. "Deixe-me fazer melhor."

Deus, ela teria força? Ela poderia dar mais uma aventura, depois de tudo que ela já perdeu? Sua filha, seu casamento... Ela poderia suportar se tentasse chegar para o marido e tudo o que ela temia sobre o relacionamento deles ser verdade?



Ela poderia suportar se estava errada e nunca tivesse a oportunidade de descobrir com certeza?

Fechando os olhos, ela finalmente deixou de ir o trilho. Alcançou cegamente para as mãos, orientando-as para a barra de sua saia... e por baixo. Sua respiração saiu em uma corrida, quando ele começou a levantar a tela, deslizando a saia mais e mais alta até as coxas.

Sua respiração desapareceu completamente quando sentiu a primeira lambida quente de sua língua.



CAPÍTULO QUATRO

Julia mordeu o lábio, as pernas tremendo enquanto a boca de Grant manejando sua coxa e voltando novamente, lambendo a dobra onde juntou seu corpo mais uma vez. Sua língua deslizou logo abaixo da borda de sua calcinha, provocando. Ele nunca parou a lenta ascensão e queda de suas mãos sobre as coxas, suavemente ampliando sua posição para ele, colocando os joelhos até os quadris sutilmente inclinou mais perto de sua boca itinerante.

"Eu senti falta do seu gosto." Ele rugiu contra sua barriga, seus dedos acariciando a borda do tecido que ele estava brincando com um segundo antes. Traçando isso... escorregou por baixo, os nós dos dedos olhando os lábios exteriores já lisos de seu sexo. Ela empurrou, seu corpo hiper consciente do menor toque. Sem dúvida, ouvindo seu suspiro, ele olhou para cima, os olhos cinzentos brilhante fundindo-se para ela com paixão queimando. Necessidade. Um sorriso triste se espalhou em seus lábios, quase o que ela reconheceu de anos como sua amante, mas tocado com a escuridão fez nenhuma dor para se esconder. Ou talvez ele simplesmente não pudesse mais. O que era importante naquele segundo foi a maldade brilhando lá com ele. Seus dedos revertiam contra suas dobras, cutucando seu clitóris com cuidado, o cérebro entorpeceu com os golpes.

"Você realmente não me provou ainda."

Seu sorriso perdeu algumas da escuridão, maldade brilhou crescendo mais a cada segundo. "Eu não tenho, não é?"

Seus dedos apertaram sobre o reforço de sua calcinha branca, puxando a roupa para baixo de suas coxas e expondo-a a seu olhar faminto. Só quando ele arrastou quase até os joelhos que ele deixou ir, lentamente, trazendo a mão à boca. Seu olhar nunca saiu dela quando ele lambeu sua umidade, como um gato faria em creme doce.



Ela estremeceu, lembrando-se da sensação do golpe. Querendo isso, quase capaz de sentir a concha através das dobras de sua fenda. Ele adorava dizer-lhe o quanto gostava de foder com a boca.

Que seu sabor sozinho quase poderia fazê-lo gozar. Que ela ficou mais doce com cada golpe e sucção.

"Tão bom como você se lembra?"

"Melhor." Sua voz era pouco mais que um rosnado agora. "Mas um gosto não é o suficiente." Ele puxou novamente em sua calcinha, puxando-a para baixo de suas panturrilhas insistentemente. "Eu quero." Ele se inclinou para lambe uma vez sobre seu sexo. "Cada..." Outra lambida, esta acompanhada do salto de seu pé sendo libertado da calcinha. "Último..."

Ele chupou desta vez, uma puxada rápida sobre seu clitóris enquanto ele puxou a perna livre por cima de seu ombro. "Largue."

Ela mal ouviu a última palavra sobre o seu próprio grito de prazer. Sua mão segurou seu fundo, a boceta inclinando em direção a sua boca quando ele cravou sua língua dentro dela. A cabeça de Julia caiu de costas contra a parede do elevador, apertando os olhos fechados contra o turbilhão de paixão lavando através dela. É tão bom. Tão intenso... Sua língua dirigiu profundo por ela, lambendo os muros que foram de aperto para baixo em torno dele. Ela choramingou quando ele puxou, apenas para respirar quando ele rodou através das dobras de novo. Seu clitóris pulsava por ele, esforçando-se para ser beijado. Sugado.

Ele não decepcionou. O calor de sua boca envolveu-o, desenhando primeiro suavemente, depois com mais força. Mais profundo.

Necessidade começou a piscina em sua barriga, seus músculos tremendo mal agora. *Tão... perto...*



"Segure-se no trilho." Ele ordenou, apenas movendo o suficiente dela para ser ouvido. "Ambas as mãos, agora."

Oh Deus. Ela nem sabia onde estavam as próprias mãos, mas quando ele a levantou, já segurando a coxa da perna, ela se manteve em cima, os encontrou e estabeleceu como ordenou. Só em cima da hora, porque ele atirou a outra perna por cima do ombro, segurou seu fundo em ambas as mãos e tomou todo o seu peso. Em seguida, mergulhou de volta, os polegares separando sua carne enquanto ele a devorou. Dando tudo de si para ele, Julia deixou suas pernas caírem folgadas e caiu de cabeça em êxtase.

Ele comeu-a, cada deslize forte de sua língua, sacudindo, batendo e beijo desenhado levou-a mais longe e mais longe da realidade. Era só Grant, tocando-a, amando-a. Seus dentes suavemente apertaram em torno de seu clitóris. Ele a chupou, e todo o mundo simplesmente desapareceu em uma explosão selvagem de prazer.

Mas ainda não era suficiente.

Ela estava vazia.

Sozinha.

"Grant."

"Eu sei, querida." A urgência dele não estava perdida para ela. Já tinha encolhido uma de suas pernas para baixo, os tilintar de seu cinto combinando os movimentos de seus ombros debaixo dela. De repente, ela estava deslizando para cima, com os olhos abertos voando quando ele empurrou dentro dela, prendendo-a à parede logo acima do trilho. Ele manteve a outra perna dobrada sobre a dobra do cotovelo, abrindo-a ampla com outro golpe pesado. Sua visão nublou, cada nervo em seu corpo respondeu à sua posse. Completa, tão cheia dele, ela só podia gemer. Ele ergueu novamente, segurando sua coxa livre quase dolorosamente, guiando-a para envolvê-lo em torno de seus quadris.

Ela fez e ele recompensou com outro empurrão roubando a respiração.



Suas mãos encontraram sobre os seus ombros e seus olhares se encontraram. Tudo bloqueado. Nenhum dos dois se moveu, além das suas respirações ofegantes. Sua necessidade era primal em seus olhos. Mais do que sexo. Ele *precisava* dela. Para tocá-lo de volta. Para dar o quanto ele estava lhe dando. Para tornar isso mais do que um ato de desespero, a reunião de dois corpos enquanto seus corações tomaram caminhos diferentes.

Como se ele não tivesse ideia de que *seu* coração batia em *seu* peito.

Nesse instante, ela sabia que estava certa de aproveitar esta chance. Ele tinha esquecido. Este momento, esta pulsação, foi o tempo que ela teve para lembrá-lo.

Julia se inclinou para frente, seu corpo amarrado apertado contra o seu, e apertou seus lábios contra os dele. Um som quase quebrado escapou-o quando ele se agarrou a ela para um beijo, levando-o de tirar dela e começando a se mover com uma fúria que ela mal podia suportar. Ele bateu nela, cada golpe atormentando seu clitóris esticando, até que ele poderia muito bem ter estado dedilhando-o novamente. Seus músculos apertados sobre ele em desespero, o orgasmo crescente enchendo seu corpo de seus dedos para dentro. Mais e mais ela enrolava em volta dele, sua boca deixando seu grito mais e mais. Seu domínio se tornou esmagado, suas estocadas selvagens. Um grito desesperado rasgou o ar, pois ambos perderam o controle, quando ela perdeu a conexão com qualquer coisa, além dele... e se afogou em prazer.

Lentamente, languidamente, ela voltou para a superfície, respirando. Ela tentou, mas, para sua surpresa, percebeu que estava chorando, lágrimas escorrendo pelo rosto, o ar vindo para seus pulmões em engates suaves.

Grant pressionou o rosto para o lado de seu pescoço, espalhando beijos macios, suaves até a coluna. Por um segundo, ela foi transportada por todo o caminho de volta para quando eles se tornaram amantes. A intensidade entre eles no começo tinha lhe dado medo, a fez chorar e tremer, não importa o quanto ela tentou prendê-lo dentro.



Fazer amor com Grant havia sempre envolvido tudo o que tinha de coração, corpo e alma. Não tinha sido uma escolha para lhe dar muito de si mesma. Ele sabia, carícias até que ela compreendeu que podia confiar nele com a tal vulnerabilidade nua. Amá-lo tinha sido simplesmente uma parte dela. Deixá-lo quase a matou.

Como cada um desses beijos foi uma promessa. Uma promessa para segurá-la. Para apoiá-la. Para estar lá quando a paixão se desvaneceu. Para nunca quebrar seu coração.

"Grant." Sua voz ainda estava rouca, seu corpo ainda tremendo em torno dele.

"Mmmm." Suas mãos acariciaram sua parte inferior, acariciando-a, tomando a picada da marca de seus dedos. Ela já podia sentir a construção da resposta novamente. Seu corpo foi massa para ele. Seu coração pertencia a ele. Mas sua mente, sua vontade, eram tudo o que tinha para lutar. A única maneira que ela podia se defender. Por *eles*.

"Grant." Ela engoliu em seco, a força disposta em sua voz quando ela limpou as bochechas com as costas da sua manga. "Você tem que me deixar ir."

Sua mão congelou na perna.

"Grant."

"Não."

Apenas isso. Não há outras palavras. Nenhum outro movimento.

"Grant."

Ele levantou a cabeça. O rubor em seu rosto poderia ter sido a onda de paixão ainda manchando-o, mas Julia sabia melhor. Era raiva.

"Não. Eu não vou deixar você ir nunca mais."



CAPÍTULO CINCO

Se ele tinha que ficar dentro dela para o resto de sua vida, iria manter esse voto. Ela não podia fazer isso. Dar-lhe este vislumbre do céu, da paz abençoada, em seguida, jogá-lo de volta para o inferno. Ela não podia.

Seu olhar azul manteve-se firme, mesmo se os seus lábios rosados estavam suaves e ainda molhados. "Eu não estou fugindo, Grant."

O não dito *e nem* você ecoou alto e claro. "Nós temos que conversar."

"Nós estamos conversando." Ele se inclinou para tomar sua boca enquanto falava. Seus lábios escorregaram dele, elegante e suave. Escorregadios. Ele lambeu o superior, na esperança de provocá-la. Suas mãos se apertaram em seus ombros e por um momento, ela começou a derreter novamente. Então, de repente, ela endureceu. Ela empurrou, com a cabeça de volta, roubando seu beijo à distância.

"Não. Eu não quero isso."

Ele olhou para ela a qualquer sinal de indecisão, mas a boca era firme, seu olhar resolvido. Ela não queria isso... ou ela não queria *ele*? "Por quê? Por que agora e não há dez minutos?"

"Porque deixar você transar comigo não significa que algo mudou."

As palavras duras que nada mais poderia ter. Ele puxou dela, seu pau deixando o sexo quase grosseiramente. Ela se encolheu, algo que esfaqueou mais do que seu próprio desconforto, mas não disse nada quando ele a colocou de volta em seus pés. Uma vez certo de que ela estava estável, fez um rápido trabalho de ajustar a sua própria roupa. Ela enxugou o rosto com a manga, tendo as lágrimas que ele tomou um gole. Grant apoiou para o outro lado do elevador, observando-a fungar enquanto tentava enfiar o cabelo em alguma aparência de ordem com uma mão e puxar a saia com a outra. Ela virou o rosto para a



parede, o ouro branco emaranhado de seus cabelos escorrendo de volta. Reconstruindo suas paredes novamente. Desligando-o.

"Você queria conversar." Sua voz soava como uma casca e os ombros pularam ao som do mesmo. Ele engoliu a amargura que causou e baixou a voz. "Que tal começar com porque você não quer o meu apoio?"

"Eu nunca disse que não queria o seu apoio. Eu disse que não quero o seu *dinheiro*."

"Isso é a mesma coisa."

"Não, não é." Ela olhou por cima do ombro para ele, seus olhos com aros vermelhos. Acusando. "Eu não tive o seu apoio desde aquela noite." Ela não teve que dizer o que quis dizer com noite.

E ela não poderia estar mais errada.

"Eu não fiz nada, além de estar aqui para você e sabe disso. *Você é a única que foi embora.*"

"Fui eu, Grant? Realmente?" Ela virou-se totalmente agora. "Você pode me olhar nos olhos e dizer-me que você esteve lá para mim?"

"Sim."

"Que você *sofreu* comigo?"

Grant apertou os dentes. Será que ela precisa cavá-lo com cacos de vidro para obter o seu ponto de vista? "Sim."

"Que você chorou comigo? Lamentou comigo? Compartilhou alguma da *sua* dor?"

Não. Ele nunca tinha feito isso. Ele apertou os lábios, olhando para a mulher que deveria entender. Então, por que ela não entendia?

Ela avançou mais um passo. "Não foi possível ouvir o meu coração quebrar sem você? Eu segurei você todas as noites." Sua dor tinha sido um flagelo, mas ele ainda a segurou. Ela era a pessoa que deixava ir.



"Mas você *ouvia*, Grant? Você me ouviu chamando por ela? Pela minha filha. *Nossa* filha?"

Até sua voz estar rouca e o som foi embora, mas ele ainda escutou, mesmo quando ela gritava silenciosamente em seu travesseiro. Apenas a lembrança daqueles sons torturados fez sentir-se como se os seus dentes estivessem rompendo com a pressão. Cada placa óssea em sua cabeça latejava. "Sim."

Ela estava bem na frente dele agora, como um fantasma pálido exigindo retribuição. "Por que não?"

Ele empurrou, seu sussurro atingindo-o como um tiro. "Por que eu não o que?"

"Por *que* você não ligou para ela? Por que você não *chora* por ela? Será que ela não merece muito de você?"

O pedaço do trilho em suas costas. Grant fechou os olhos. Ele balançou a cabeça para ela.

"É por *isso* que eu não quero seu dinheiro, Grant. Eu não quero nada de você. Eu só quero ir embora e fingir que *nada* disso..." Ela empurrou seu peito. "... nunca aconteceu. Assim como você tem, a cada dia, desde..."

Ele abriu os olhos, agarrando-lhe os pulsos tão rápido que ela engasgou. "Não diga isso."

"Dizer o quê?" Mas ela sabia. Ele podia ver isso em seus olhos.

"Só não o faça."

"Por que não? Não é como se você se importasse. Como se você sentisse alguma coisa sobre o fato de que ela se foi." Ela se inclinou para ele, mas não da maneira que ele queria. De uma forma que o fez desejar que este elevador fosse maior. Mas, dada a tensão em sua coluna, o cálculo nos olhos dela, ele sabia que maior elevador do mundo não faria qualquer diferença. O que ele precisava era que as portas se abriam. Que lhe permitisse escapar antes



que o elefante entre eles soasse seu nome. "Você ainda sentia alguma *coisa* quando ela estava viva, ou era uma mentira, também?"

Agora, o que ela estava falando? "Quando foi que eu menti para você?"

"Pelo que eu sei, tudo era uma mentira. Nossa relação, o nosso casamento."

"Eu nunca menti para você."

Mas a sua resposta apenas parecia incenso a ela. "Oh sim, você fez."

"Quando? Diga-me quando?" Ele segurou, mesmo quando ela puxou seu aperto em seus pulsos, lutando como uma coisa selvagem.

"Quando você prometeu ficar por mim, *não importa o que.*" Dor e raiva explodiu a cor em suas bochechas. "Mas onde você estava, Grant?"

"Eu estava aqui!"

Ela balançou a cabeça, os fios de cabelo ao redor do rosto voando. "Quando você disse que me amava."

"Eu amo você." Ele passou os braços em torno dela, tentando mantê-la de ferir qualquer um deles, segurando as mãos atrás. Ele pressionou a testa na dela, fechando os olhos enquanto ele respirava-a dentro. Essa especiaria doce que era puramente Julia. Mesmo que ela o odiasse, era a única coisa que lhe trouxe qualquer medida de paz. "Eu te amei desde o primeiro segundo que a *vi*. O *segundo*, caramba. Você é a minha vida, Jules. Você é tudo que importa para mim. Como pode não saber disso?"

Esfregou sua testa contra a dele, um soluço borbulhante dela. "Eu fiz uma vez. Mas não era real. Nada disso."

"Foi, sim." Levou tudo o que ele tinha para não esmagá-la contra ele com a necessidade de convencê-la. Para tirar essa boca, macia, molhada novamente. Ela só parecia acreditar nele quando foram envolvidos no outro. Juntos. Os seus corpos e forçando contra o outro. O único momento em que a honestidade absoluta governou. Qualquer outro momento



foi nublado com meias-verdades e culpa, e nada que ele pudesse dizer iria limpá-las. "Isto ainda pode ser. Você não quer este divórcio mais do que eu."

Ela inclinou a cabeça para trás, olhando para ele através das pálpebras semicerradas. "E quando você disse que amava Autumn? Quanto não foi uma mentira? Como posso ficar com um homem que poderia *fingir* amar uma criança? Como eu posso acreditar que você não está fingindo *me* amar?"

Ela escapou de seu abraço agora desossado e pressionou-se de volta para a parede oposta do carro, os braços apertados em torno de si mesma. Ele só podia olhar para ela, balançando a sua própria cabeça com a sua descrença. Cada centímetro dele tinha ido frio. Golpeado, entorpecido por suas palavras.

"Você acha que eu não vi sua hesitação quando descobri que estava grávida, apesar de sua vasectomia? Que eu não senti a sua distância de nós, quando eu a criava? Eu fiz, mas disse a mim mesma que você passaria por isso. Disse a mim mesma que tinha que se acostumar com a ideia de ser pai. Que você tinha quando ela nasceu e agia como se importava. Como ela queria dizer algo a você. Porque acreditar em qualquer outra coisa significaria que havia algo errado com o nosso casamento perfeito. Mas eu estava errada. Eu menti a mim mesma em um estado de estopor e que nunca se tornou mais claro do que quando ela morreu e você não se importou em tudo!"

"Pare de dizer isso!" Ele não queria gritar com ela, mas o rugido de sua própria voz picado seus ouvidos.

Não que parecia incomodá-la. "O que?"

"Isso não me importava! Eu me *importava*, porra!" Foi a culpa que comeu-o vivo até que não havia quase nada. Nada, além do quanto ele a amava. Se ele pudesse pegar alguma coisa e jogá-lo, ele iria, mas não havia nada. Apenas ele e ela em uma caixa de merda sem portas.



Ela balançou a cabeça, as bochechas ainda molhadas, mas suas lágrimas foram. Endireitando, ela soltou o aperto que tinha em torno de si mesma. "Eu não acredito em você." Ela enxugou seu rosto, sua voz tão firme como o dia em que ela disse que estava deixando-o, mas seus olhos brilhavam, desgosto apenas sob seu verniz de calma. "Eu não acredito em mais nada."

CAPÍTULO SEIS

Em frente a ela como o combatente que o transformou, Grant baixou a cabeça. Ela podia ver as faixas que suas mãos haviam feito em seu cabelo, os comprimentos pretos pesados que rodavam com mais fios de prata que ela tinha percebido. "Você sempre foi a única com muita fé." Disse ele calmamente.

Ela não podia discutir com isso. Ela acreditava muito fortemente no seu relacionamento, que foi praticamente predestinado, que era muito mais forte do que os de seus amigos, que significava que os outros iam e vinham com a brisa, que o seu amor poderia superar qualquer obstáculo. Ela nunca tinha visto o colapso vindo. Nunca tinha imaginado que poderia desmoronar tão rapidamente como tinha vindo junto. Ela engoliu o ressentimento junto com o nó na garganta. "Eu aprendi melhor."

Ele olhou para cima novamente, seu olhar aborrecido para ela.

Ela não sabia o que deveria entender naquele olhar. Estava escuro, uma sensualidade sombria aquecia suas características. Aqueles olhos treinados sobre ela, como se não



houvesse mais nada no mundo. Ele afastou-se do trilho, mudando o ritmo de seus batimentos cardíacos com um único passo. Em seguida, outro. E outro.

A distância entre eles desapareceu. Ela tentou não olhar para cima, o olhar fixo no pequeno botão redondo na sua camisa. Não a construção, a carne bronzeada abaixo, não os fios escuros do cabelo lá, esperando para saltar entre os dedos estendidos.

Sua mão se levantou, o polegar traçando sua mandíbula, o ponto de seu queixo. "Você vai me dizer que não acredita nisso?"

"Em que?" Sua voz era pouco mais que um sopro de som.

Seus dedos lançaram seu queixo, sua mão inteira girando para que ele pudesse arrastar a parte de trás de seus dedos para baixo no comprimento do pescoço. Ele puxou a faixa de cetim no pescoço dela, onde ela tentou retê-lo. Isto se soltou para ele, como o resto de suas inibições. Ela praticamente podia contá-los caindo a seus pés.

Razão... *tilintou.*

Sanidade... *tilintou.*

Autopreservação... *tilintou.*

Suas mãos puxaram seus botões, empurrando os pequenos discos através dos buracos ali, seus dedos pastorearam os seios com cada turno ágil. Pouco tempo suficiente, a blusa se abriu, apenas sua parte superior da camisola impedindo-o de sua pele.

"Nisto." Ele deslizou o cetim de seus ombros, levando as tiras finas de sua camisola com ele. Seus dedos traçaram as bordas do tecido sobre as ondas de seus seios, deixando rastros de fogo dançando sobre sua pele. "É como uma magia muito própria quando estamos juntos."

Seus olhos se fecharam quando ele libertou um mamilo. "É sexo."

Sua respiração fez seus lábios tremerem pouco antes dele desenhar sua língua em sua boca, passando sobre ela e fazendo-a ofegar. Ele a deixou ir, o canto de sua boca curvando quando seus olhos se abriram. O lado de seu dedo indicador corria sobre o lábio, tendo a



umidade que ele tinha acabado de lhe dar, antes de voltar para o seio exposto. Dedos molhados cercaram seu mamilo, arrancando-a, enviando prazer elétrico para baixo em sua barriga direto para o seu clitóris.

"É paixão." Ele corrigiu, sua voz caindo para esse tom baixo, ela conhecia muito bem. "Eu senti falta de seus seios, Jules. O sabor deles, a forma como os seus mamilos apertam-se para a minha boca. "

Tão difícil se machucar. Ela arqueou em seus dedos, gemendo, apesar de seu desejo mais profundo de que não.

"Eu não posso olhar para você sem lembrar de como saboreia. Como parece quando você me implora para fazê-la gozar." Sua mão livre capturou o outro seio, puxando para baixo o tecido antes de agredir colocando-o e desenhando um grito impotente dela. Seu polegar começou a sua própria tortura no mamilo que encontrou lá. Ele baixou o rosto em seu pescoço, sua respiração quente contra sua pele. "Eu preciso de você, Jules. Cada minuto de cada dia, eu preciso de você. "

"Não, você não precisa." Se ele precisava dela, não a teria afastado quando tentou confortá-lo.

De volta quando ela pensou que seus silêncios realizavam segredos e dor em vez de indiferença.

"Sim, preciso. Eu não posso nem respirar mais sem você." Abaixando. Ela sentiu-o desenhar ambos para o chão. Ela foi, seu corpo fluindo para o seu, sobre o seu. Ele se deitou no tapete, puxando-a com ele, apertando a boca para a dele, não beijando, mas para respirar dentro. "Você é o ar para mim, Julia. Você é o ar, porra."

Seus olhos ardiam de novo, lágrimas quentes espirrando pelo seu rosto novamente. "Não, Grant..."

"Sim. Você pode acreditar nisso, não pode? Acredite em mim, quando estamos juntos." Ele beijou-a, finalmente, oh Deus, finalmente, as mãos pegando a cabeça para mantê-



la, ainda enquanto ele saqueou sua boca, em busca de algo que ela não sabia se tinha para lhe dar mais. Impotente, ela cedeu, perdida no turbilhão de necessidade e desejo. Seu cabelo, finalmente, deu-se tão bem, caindo ao seu redor como uma cortina. Sua mão se moveu de seu rosto, seguindo o arco côncavo de sua espinha antes de deslizar sobre a curva de seu traseiro. Ele apertou, o envio de um flash de sensação branco-quente através de seu sexo liso. Ele traçou o vinco que encontrou todo o caminho para suas dobras molhadas, provocando a sua abertura com carícias de imersão.

Ela pulsava lá, sua carne sensível esforçava para levá-lo dentro, praticamente sugando seu toque tentador, mas não encontrando alívio. Ela precisava dele. Precisava ser preenchida. Arrancando de volta de seu beijo, ela apoiou uma mão em seu peito para que pudesse puxar o botão de sua calça. Com um gemido, ele a ajudou, os dois impacientemente liberando seu pênis. Ele se apoderou, agarrando a base grossa e estabilizá-lo para ela. Necessidade exigiu que ela se encaixasse sobre ele, levá-lo e preencher o vazio, mas a ganância exigiu outra coisa.

Um gosto.

Como se ele pudesse ler sua mente, abriu os olhos a meio caminho, olhando para ela por um momento congelado. Ela olhou de volta, mesmo quando baixou os lábios e levou a cabeça inchada dele entre eles. Abaixo, ela foi, levando-o todo o caminho em sua boca, rodando sua língua em torno dele até que sentiu o aperto demasiado apertado de sua mão.

Voltando-se, lento, só para atraí-lo mais uma vez em sua boca. Não era o mesmo tipo de plenitude que ela queria, mas a satisfação vibrou através dela quando novamente encontrou seu aperto de bombeamento. A mancha vermelha em suas bochechas e a intensidade quase brilhante de seus olhos alimentou a fome por ela, a fez se mover mais rápido sobre ele.

Ela lambeu, sugando a gota de líquido escorrendo da cabeça, arrancando um gemido gutural dele, antes de acelerar seu ritmo para combinar com seus golpes.



Logo, não foi o suficiente. Ela precisava de mais. Precisava dele. Ele não questionou quando ela o puxou de sua boca. Não, ele simplesmente estendeu a mão para ajudá-la a se ajoelhar sobre ele. Jurou virulentamente quando a coroa de seu pênis encontrou o calor úmido de sua boceta e afundou dentro. Balançando sobre ele, cheia dele, Julia se tornou um ser de puro sentimento. Suas mãos liquidaram em seu peito, usando-o como alavanca para levantar-se antes de correr de volta para o cabo. Mais e mais rápido ela se balançava, precisava desesperadamente agarrá-lo. Ele ergueu sobre um cotovelo, acalmando-a virou o outro braço em volta da cintura e desenhou o peito à boca.

Ela gritou quando ele beliscou o ponto duro, lambendo a picada antes de sugar profundamente. Ela tentou se mover, tentou atingir o pico, mas o mais rápido que se moveu, mais lento ele a encontrou. Suas mãos agarraram seus ombros, mas ele se recusou a combinar com o seu ritmo.

Então, de repente, ele virou-os, encaixando-a sob ele. Ela engasgou, piscando para ele, seu coração gaguejou no calor intenso em seu olhar fundido. Todo o movimento parou, deixando-a ciente de seus antebraços sob seus ombros, com as mãos em seu cabelo segurando seu rosto ainda. Acima de tudo, a sensação de plenitude, a intrusão quente de seu pênis dentro dela, pulsando, mas não se deslocando através dela. Em vez disso, foi instalado lá, embalado por seu corpo como se ali fosse onde ele sempre pertenceu. Era tudo o que ela poderia fazer para respirar mais do que uma exalação trêmula de uma vez, sua quietude exigindo que ela se sentisse para além do físico. Seu olhar implorou a ela.

Ela estava tão fodidamente cansada de chorar, mas não desejada emoção de amor, dor, decepção, mágoa, necessidade, mesmo a alegria enterrada por baixo de tudo, levantando-se e agitando-se dentro dela como uma onda, ela não poderia sobreviver. Lágrimas transbordaram pelos lados de seu rosto e em seu cabelo. Suas mãos, planas contra seu peito, enrolada em punhos. "Não faça isso comigo, Grant."



"Eu tenho." Ele baixou os lábios nos dela, um beijo suave, quase casto que desmoronou mais das paredes que estava tão desesperada para construir. Seus quadris se levantaram, lentamente, deslizando-o dela brevemente antes dele acariciar voltando para dentro. Outro beijo, outro aumento lento e queda de seu corpo no dela, e soluçou contra sua boca.

"Você precisa sentir isso."

"Eu não posso." Ela arqueou contra ele, sua barriga correndo contra a sua. Ela apertou as pernas em torno dele, desesperada para transformar isto a partir de um ato de amor a algo que podia ignorar, mas ele não estava tendo. Ele parou, voltando-os a essa quietude terrível. "Por favor, Grant! Eu não posso voltar a sentir. Não sozinha. Por favor, não sozinha."

"Você não está sozinha, bebê. Eu juro, você não está sozinha." Ele pressionou profundamente dentro dela, movendo contra seu clitóris e enviando um estremecimento de prazer através dela. Ele se alavancou, puxando para trás a empurrar ainda mais profundo.

"Você nunca está sozinha."

Ela olhou para ele, incapaz de quebrar esse olhar quando suas estocadas aumentaram, cada recuo de corpo inteiro e de retorno, a largura dele acariciando suas paredes todo o caminho de volta, o envio de ondas cegas de prazer através dela, mas ainda assim ela não conseguia desviar o olhar.

"Não me deixe mais uma vez, Julia." Ele arquejou, seu cabelo escuro capturando a umidade em sua testa e achatamento lá. "Eu preciso de você."

Ele precisava. Pela primeira vez em muito tempo, ela podia vê-lo lá em seus olhos. Não a necessidade sexual, porém que manchou suas bochechas. Não, era mais profundo. O vislumbre de seu coração, que não tinha visto em muito tempo. Medo de acreditar chegou-se, escovando os fios molhados de seu cabelo para trás, olhando tão profundo como ela ousou para aqueles olhos atormentados.

"Grant." Seu nome era pouco mais que um suspiro, mas o som parecia quebrá-lo. Ou talvez fosse seu toque, as duas mãos em concha agora em seu rosto, e seu controle quebrou.



Olhos fechados com força, ele virou o rosto em sua mão, pela primeira vez, as lágrimas começaram a fugir, derramando calorosamente em sua palma.

"Oh, Grant..." Ela puxou, beijando seu rosto, os lábios, os olhos.

"Eu preciso de você." Disse ele com voz rouca, seus lábios encontrando os dela na demanda pura agora, seu grande corpo tremendo, seus quadris empurrando contra ela. Ele segurou a cabeça dela para a dele, tomando sua boca em um beijo que era mais desesperado do que artístico. Ela se afogou nele, tentando segurá-lo apertado. Segurá-los juntos, porque ela podia ver que ele finalmente atingiu o ponto de ruptura.

Eu tenho você. Doía-lhe a dizer as palavras, mas não podia, não com ele a devorá-la. Ela poderia apenas senti-lo, mesmo que seu coração e seu corpo começaram a subir. Ele se moveu sobre sua paixão, desesperado removendo qualquer tipo de sutileza quando bombeou impiedosamente nela. Ela o levou, encontrando-o, com os braços e pernas enrolados em torno dele.

Ele quebrou o beijo, enterrando o rosto em seu pescoço, levantando-se de joelhos e levantando para o seu colo a empurrar mais forte, roubando sua respiração, mas não a sua vontade. "Ame-me, Julia. Por favor, diga que você ainda me ama."

Ela estendeu a mão para ele, soluçando quando as mãos dele encontraram as dela e pegaram, esticando os braços sobre a cabeça. Emoções cruas rodaram através dela, a vulnerabilidade que sempre sentia com ele felizmente indo para os dois lados, mais uma vez. Ela percebeu, então, que era parte do que tinha dado errado. Mesmo aqui, no seu mais aberto e íntimo, ele tinha escondido dela. Fechado-a. Não mais, porém. *Não estou só! Nenhum de nós está mais sozinho...* Ela não pode fechar-lhe os seus sentimentos ou tentar, a verdade em seu coração derramou livre. "Sim. Eu te amo, Grant."

Pensou que desapareceu no calor branco de sua paixão. Havia apenas a tensão construída, a necessidade espiral através deles e, finalmente, a quebra do estalo quando ela



se desfez em torno dele, o aperto de seu corpo arrastando-o com ela sobre a borda, seu grito de conclusão sufocado contra sua pele enquanto ela sorria em seu cabelo.

Ambos estavam tremendo desta vez, com os braços tão apertados em torno dela que mal podia respirar, mas ela não se importava. Ele foi finalmente *deixando-a segurá-lo*. As lágrimas que ela havia tocado ainda estavam fluindo contra sua pele, sons estrangulados vindo dele quando ele tentou segurar, mas não conseguiu. Ela simplesmente segurou-o com mais força.

O movimento mudou seu ouvido mais perto de sua boca e ela percebeu que ele estava sussurrando algo, palavras rasgando livre como se rasgando direito de sua alma... e arrancando a dela junto com ele.

“Perdoe-me...”



CAPÍTULO SETE

Ele não deveria ter começado isso. Ele sabia disso. Ele lutou por tanto tempo, mas não podia deixá-la fechar-se para cima. Julia deu vida a tudo o que tocou, especialmente a ele. Para ser responsável por ela se trancar atrás de paredes insensíveis... Ele não podia deixar isso acontecer. Ruim o suficiente que ele tinha feito isso. Ela, não! Nunca ela.

Perder-se nela, deixando-a ver a destruição dentro dele... ele se sentiu rasgado. Como todas as outras vezes que ela disse que o amava, a culpa tinha vindo correndo de volta, mas ele estava indefeso contra ela. Contra ela.

Ela olhou para ele com amor e só assim, ele estava de volta no carro. Lembrando. Desejando que ele tivesse apenas um segundo mais, mais uma chance de diminuir. Para transformar essa maldita roda...

Água despejou no para-brisa em um fluxo constante, os limpadores fazendo pouco mais do que criar ondas que quase cegou. Eles tinham ido com cuidado sobre a estrada da montanha, voltando até a Freeway 5 para que eles pudessem chegar em casa em Laguna Hills. Eles tinham ido ao longo dos milhares de vezes na Rodoviária Ortega na chuva, ou no sol, dia ou noite, porque sua família estava lá em Lake Elsinore. Julia vivia para sua família, querendo vê-los sempre que sua agenda permitia. Sua mãe adorava estragar Autumn, e Grant adorava estragar Julia.

Ganha-ganha, ele sempre pensou.

Normalmente, a unidade era até um pouco reconfortante, única vez que Autumn dormia solidamente e que poderiam falar sem interrupções da criança. Desta vez não foi diferente de qualquer uma dessas viagens.

A chuva ainda não tinha sido um problema, caindo como pouco mais que uma pitada, até que finalmente tinha apagado todas as curvas fechadas. Então, de repente, transformou-



se em lençóis de água. Ele pensou que tiveram a sorte de ter chegado através, antes de a estrada fechar. Agora eram só as curvas grandes, soprando em torno dos entalhes finais da montanha. Outra milha ou duas e que eles estariam fora da estrada velha. Apenas mais algumas curvas ...

A visão da estrada, sob as luzes do carro ainda assombravam. Ele não poderia estar a conduzir mais à noite. Cada traço branco desaparecendo sob o carro lembrava daqueles momentos finais. Em sua mente, as linhas eram claras, mas, naquela noite, ele mal tinha sido capaz de vê-los. O brilho dos refletores rompendo a escuridão tarde demais. Ele arrancou o volante, e Julia gritou, um som que ainda o acordou no meio da noite, puro terror rasgando-a quando o carro começou a girar, a sua traseira arrastando-os para trás em direção ao trilho de segurança. Metal gritou, faíscas voando atrás deles, mas o aço simplesmente amassou atrás do peso de seu importado alemão. Amassou... então rasgou.

Havia pouco mais de flashes de memória nesse ponto. Memórias nunca se deixaram completa, esmagando-os impiedosamente através da superfície. Mas não havia defesa para eles agora. Ele podia vê-lo agora tão claro como foi aquela noite, explosões de imagens e sons tão afiados que esperava sentir o sangue e o impacto tudo de novo.

O carro rolando a ravina, primeiro para trás, em seguida, de ponta a ponta. Faróis altos focadas através de amoras e árvores, empurrando sua mão através do vidro e para a pedra que caiu através de sua porta.

O choro de Autumn, cortado violentamente curto, enquanto gritos de Julia rasgaram através de seus tímpanos. Dor, branca e bolhas, piscando através de sua visão quando gritos roucos de Julia finalmente penetraram sua mente. O carro havia parado de cair, foi prejudicado em torno deles, mas finalmente imóvel. Equilibrado do lado do passageiro, deixando-o oscilar acima de sua esposa.



"Autumn não está chorando." Julia disse, derramando sangue de seus lábios em sua linha fina. Ela cuspiu para fora, arrancando um cinto de segurança que se recusou a deixá-la ir. "Grant, ela não está chorando!"

Anos de treinamento de emergência entraram em ação, fazendo sua mente confusa e corpo danificado começarem a se mover, mesmo que ele não soubesse o que possivelmente fazer a seguir. O cinto deu mais fácil do que o dela, o que lhe permitiu cair pesadamente contra ela. Não foi fácil, especialmente com a sua hemorragia na mão esquerda, os dedos quebrados, mas ele trabalhou seu caminho para a volta.

"Ela está bem?" Julia tinha perguntado, precisando dele para tranquilizá-la. Precisando dele para dizer-lhe que sua filha estava apenas inconsciente. Ele não sabia o que lhe dizer, choque, dor, roubando todos os pensamentos que ele poderia ter formado.

Ela parecia adormecida. Seus cachos selvagens caindo sobre seu pequeno rosto, bochechas rosadas ainda, as pestanas viradas para baixo, com a mão gordinha vagamente caída sobre o peito. Se não fosse pela participação do galho de árvore picando sua pequena jaqueta, o sangue se espalhando por todo seu cobertor favorito, ele teria pensado que ela estava.

O médico nele assumiu. Ele tinha, porque o pai estava gritando dentro. Quebrado. Destruído.

O médico estava na busca por um pulso, tentando usar CPR para trazer a vida de volta de onde tinha fugido.

Empurrando o ar em seus pulmões, contando costelas e calculando o dano catastrófico que o ramo tinha causado.

Mas, mesmo o médico não podia olhar para o relógio para ver quanto tempo foi passando. Não podia permitir-se a pensar sobre o quanto de sangue já estava perdido. Ou admitir que já era tarde demais.

O médico lutou.



O pai implorou.

No final, ambos falharam.

"Eu não pude salvá-la." Grant soluçava agora grande, engolindo suspiros de culpa asfixiada fazendo-o quase ininteligível para seus próprios ouvidos. "Eu tentei. Eu tentei tudo que eu sabia, e eu... eu..." Se ele pudesse colocar uma fodida respiração, ele poderia explicar. Ele poderia fazê-la entender. *Não me odeie, por favor, Deus, não me odeie ...*

"Eu sei." Julia sussurrou, seus lábios macios contra sua testa.

Seu corpo inteiro estava tremendo em seus braços, como se estivesse em estado de choque. Talvez ele estivesse. Ele se sentiu chocado, quase fora de controle. Ele lutou para encontrar seu rumo, mas foram irremediavelmente dispersos. "Eu não po...poderia estar fazendo isso."

"Fazendo o que?" Perguntou ela em voz baixa. "Dizendo-me o que você sente? Compartilhando sua dor?"

Ele balançou a cabeça contra a seda de sua garganta, tomando-lhe conforto, mesmo quando ele se odiava por isso.

"Somando a sua."

Mãos suaves corriam sobre os ombros, o toque suave acalmando a tensão elétrica lá, aliviando a tensão. "Você levou *a minha* dor."

"Eu tentei." Deus, como ele tentou.

"Por que você não me deixa fazer o mesmo por você?"

Ele engoliu em seco, os músculos em seu pescoço apertando reflexivamente. Como explicar isso de uma maneira que ela aceitasse? "Porque..." Suas mãos apertaram o tecido solto em suas costas, com a garganta tão apertada que não tinha certeza de que ele poderia obter as palavras. "Eu mereço sofrer."

Ela se acalmou. Não há palavras. Sem recriminações... sem negações falsas.



Seu coração amarrou de novo, a verdade bem na frente deles. Impossível esconder mais. "Foi minha culpa."

Ele sentiu a cabeça tremer contra a sua quando falou. "Não, foi um acidente."

Mas cada pensamento que ele teve desde que os puxou do carro, a partir de Autumn, passou pela sua mente a uma velocidade quase dolorosa. Todos adivinhando o segundo que ecoaram nele desde aquele dia. "Nós deveríamos ter ficado mais como sua mãe disse."

"Nós não poderíamos ter sabido que iríamos perder o controle do carro. Não era para chover por horas."

"Não, ela ainda estaria aqui se eu tivesse feito à coisa certa, mas não o fiz. Eu fiz algo errado, eu... perdi alguma coisa." Ele passou mais cada passo, cada opção que ele tentou obter o seu coração indo, para fazê-la respirar ...

"Eu devo ter perdido alguma coisa. Eu não sei o que, mas devo ter perdido alguma coisa."

"Grant." A voz de Julia quebrou em seu nome, suas mãos apertadas em suas costas.

"Você estava certa, eu não a queria. Não em primeiro lugar. Eu não sabia nada sobre bebês. Até que minha vida era a minha carreira. Eu nunca imaginei querer outra coisa. Mas então ela estava lá e eu *não* poderia deixar de amá-la. Ela era nossa. Ela era... *Autumn*."

Agonizante, ele ainda podia vê-la, rindo, depois de cair em sua parte inferior, covinhas gêmeas em suas bochechas e uma gargalhada que a fez saltar todo o pequeno corpo. "Esta pequena pessoa com toda a personalidade e essa confiança. Ela acreditou em mim, como se eu pudesse ter corrigido o mundo inteiro para ela se pedisse. Eu me importava. Eu me importava. Eu a amava muito, porra, eu sinto que morri no carro com ela. Como se alguém arrancou meu coração e me deixou ali. Eu os deixaria fazer isso agora, se isto fosse trazê-la de volta. Mas eles não vão."

Seus lábios pressionaram a sua testa e ele podia sentir o seu tremendo debaixo dele. "Eu sei."



"Não é o suficiente, não é? Eu não fui o suficiente. Por que não foi o suficiente? Como eu poderia salvar muitas pessoas e não salvá-la? Por que não *Autumn*?"

"Eu não sei, querido." Ela apertou mais beijos em seu rosto, suas mãos acariciando sua bochecha. Foi só então que ele percebeu que ela estava chorando também. "Mas você não pode continuar assim. Você não vê que está acabando contigo? Rasgando a *nós*?"

"Eu tenho."

Ela segurou o rosto dele, forçando-o a olhar para ela. "Autumn nunca desejaria que você sofresse assim."

Ele tentou se livrar dela espera. "Você não entende."

"O que eu não entendo? Eu estava lá, também. Eu tomei a decisão junto com você em ir para casa naquela noite. Eu estava no carro, escuta, enquanto você fez tudo o que podia para mantê-la viva. O que eu não entendo?"

Ele levantou-se, tentando fugir, mas ela não deixou ir. Desespero agarrou nele. Ele tinha que se levantar.

Ela tinha que deixar isso pra lá.

"O que eu não entendo?"

Seus dedos se enroscaram em torno de seus pulsos, curiosos, mas ela se manteve firme.

"O que eu não entendo, Grant?"

As palavras dele explodiram como balas. "Se eu deixar, ela vai nos deixar mais uma vez!"

A dor voltou, dobrou, suas entranhas em fogo. Não há ar, não há palavras, apenas o sentimento de agonia transformando-o de dentro para fora. Ele engasgou, tentando engolir as lágrimas, mas a dor era muito grande. Ela estava engolindo-o todo. Julia segurou-o em meio à tempestade que assolava de suas lágrimas, sem palavras lhe permitiu segurar. Uma âncora que ele não poderia começar a se soltar.



Deus o ajude se ela lhe pedisse para deixá-la ir novamente.

Deus ajudasse os dois.



CAPÍTULO OITO

Julia zumbia, com as costas contra a parede, com a mão lentamente correndo sobre a inclinação do ombro de Grant nas costelas e cintura antes de correr o seu comprimento de novo. Mais e mais, para o que pareceram horas.

Não tinha havido nenhuma palavra dos técnicos do elevador. Nenhum som de nada. Apenas os dois, trancados na caixa onde o tempo não importava. Ele era pesado, com a cabeça em seu colo, seus braços apertados em torno de suas pernas. Suas pernas protestaram um pouco de seu peso, mas não era nada que ela não podia ignorar. O resto, segurando-o, a ser realizada por ele, compensava mais do que qualquer desconforto. Pela primeira vez desde o acidente, o silêncio entre eles não estava nublado com culpa ou tensão. Em vez disso, era... simples. Livre.

Seus dedos deslizaram através dos comprimentos pesados de seu cabelo preto de novo, levantando as estrias de prata rosquearam em suas têmporas. Ele não estava fora de questão para um homem se aproximando dos 40 de ter algum diferencial cinza, mas ela sabia o que elas eram. Cicatrizes. Assim como sobre os nós dos dedos, onde a pele tinha sido rasgada no acidente. Ambos tinham sido abalados. Ambos *deles*.

Seu coração tinha quebrado tudo de novo, segurando-o enquanto chorou. A perda em seu coração havia reacendido, mas era... diferente. Ele era bruto, a dor rasgando-o à parte, porque ele segurou tanto tempo. Muito tempo, prendendo-o com culpa, vergonha e raiva. A dela era mais suave. Como uma dor que nunca estaria realmente indo embora, mas as lâminas cruéis que tinha usado em algo que ela poderia suportar agora. Ou talvez suas próprias cicatrizes tinham crescido mais grossas e ela não tinha percebido. Se ela quis ou não, tinha tomado passos para frente.



Mudou em sua vida. Grant não tinha. Ele havia estado preso no carro durante todo esse tempo, tentando salvar Autumn, outra vez, perdendo uma e outra vez.

Ela limpou a umidade nova em seu rosto para que as lágrimas não derramassem sobre ele. Ela sempre pensou que o acidente tinha sido o mais difícil para ela, porque não tinha sido capaz de ver sua filha. Para tomar parte ativa na tentativa de ajudá-la, mesmo que fosse apenas para segurar sua mão enquanto ela tinha morrido. Os médicos disseram que a morte do Autumn foi instantânea, mas seu coração de mãe não conseguia acreditar nisso. Sua própria culpa a tinha devastado, que ela tinha estado tão perto e incapaz de dar a Autumn o mesmo conforto do mais básico. O bebê estava sozinho naquele banco traseiro. Medo. Nas noites mais escuras, nada abafou a memória daquele grito final, quebrado.

Nada, além de Grant.

Ele a segurava. Tomava sua dor e até agora ela nunca tinha percebido o que deve ter custado. Como deve ter cavado sulcos mais profundos em seu coração e alma. Não importava que ele não deixava que ela fizesse o mesmo por ele até agora. Ela não o havia ajudado. Ela tinha deixado se afogar em sua dor, mesmo dito a si mesma que ele não sentiu nada para que ela pudesse ser justificada em ir. Foi a mesma coisa tudo de novo. Ele estava morrendo atrás dela e não tinha feito nada para segurar sua mão.

"Eu sinto muito." Ela sussurrou, acariciando seu cabelo de volta no lugar. Ela apenas fez o som o suficiente para as palavras para ser ouvida, mas ele sacudiu no colo de qualquer maneira. "Eu sinto muito, Grant."

Sua grande mão pegou a dela, puxando-a para baixo em seus lábios, pressionando um beijo contra seus dedos. Outro e outro. "Você não tem nada que se desculpar."

Ela se encolheu ao ouvir o som de sua voz, rouca e grossa dos gritos que ele tentou abafar contra sua barriga. "Sim, tenho. Eu não deveria ter saído. Eu devia ter feito você falar comigo. Eu deveria ter escutado. Eu estava tão envolvida em minha própria dor, que não fiz nada para ajudá-lo com a sua."



"Sim, você fez." Ele rolou para o estômago, olhando para ela com aquela carranca que era tanto uma parte dele. Ele não sorria muito, costumava dizer, até que eles se conheceram. Quando ele estava quieto, pensando, a carranca sempre voltava, formando linhas profundas entre as sobrancelhas escuras. Autumn tinha sido o mesmo, a pequena carranca de concentração marcando-a como filha de Grant de uma forma que nada mais poderia. Ela tinha sido muito como ele...

"Permiti que você enterrasse sua dor para que pudesse cuidar da minha, não está ajudando." Como se sua perda tivesse sido maior que a sua. Deus, o egoísmo todo picava.

"Você não entende, Jules?" Ele levantou-se, ajoelhando-se na frente dela e chegando a tocar seu rosto com uma mão quente. "Se eu não tivesse você... Eu nunca teria deixado o carro. Eu não teria chegado a cada dia. Eu já tinha falhado. Mas se você tivesse morrido, também?" Ele engasgou, fechando os olhos como se apenas o pensamento esfaqueasse, até a alma. "Não teria restado nada de mim."

Ela estendeu a mão para ele. Seus braços fechados em torno de seu pescoço e ao redor de seu corpo, a sua reunião de lábios em um beijo tão desesperado que deve ter doído. Mas isso não aconteceu. Sentiu-se bem. Como se as peças recortadas deles tinham finalmente encontrado o ajuste perfeito novamente.

"Venha para casa comigo." Ele sussurrou entre beijos, sua mão emaranhando em seu cabelo, o sentido da paixão exuberante queimando entre eles novamente.

"Sim." Não havia outra resposta dentro dela.

"Seja minha esposa de novo."

Ela fez uma pausa, puxando para trás de seus lábios para olhar em seus olhos cinzentos. Não havia nada guardado lá. Nenhum segredo escuro. Sem dor oculta. Apenas Grant, aberto e honesto. Ela tinha que ser o mesmo. "Não vai ser fácil, você sabe disso, não é?"



Eles passaram por muito. Tinham perdido muito. Os dias de felicidade simples se foram. A partir de agora, o espectro do que eles poderiam perder estaria sempre atrás deles. Esperando.

"Você ainda me ama?"

Um sorriso trêmulo puxou seus lábios. "Amar você é a única parte de mim que não mudou. A única parte que nunca *vai* mudar."

"Então nós podemos lidar com o resto."

"Você promete? Porque eu não posso suportar isso quando você me excluir." Não, ela *não iria* suportar.

Ele a beijou, uma imprensa rápida dos seus lábios ela imaginou que era mais para acalmá-la do que qualquer outra coisa. Um segundo beijo, mais suave, um pedido de desculpas, substituiu-o, antes que ele se afastou. "Eu prometo. Você pode jogar o que quiser em mim se eu começar."

Ela riu, surpreendendo-se com o som. "Até mesmo as suas preciosas revistas médicas?"

"Qualquer coisa. Só não me deixe de novo."

Ela ficou séria, levantando a mão para acariciar seu rosto. "Eu prometo. Nunca mais!"

Seu beijo desta vez foi mais do que paixão ou um truque. Era uma promessa. Uma que ela aceitou com todo o seu coração quebrado. Para sempre, aconteça o que acontecer, eles enfrentariam tudo juntos.

Logo, esses pedaços quebrados poderiam consertar, ela podia acreditar nisso agora. Eles deixariam suas cicatrizes para trás, mas iriam consertar. E seu coração iria crescer. A vida era assim mesmo. Ela apertou o rosto na curva do pescoço do marido, fechando tudo, além do brilho da brasa de esperança crescendo dentro. Tinha esquecido como era, mas não tinha se esquecido dela.



Grant lentamente baixou-a para o chão do elevador, sem palavras separando as dobras de sua blusa. Ele tocou os seios nus com reverência, acariciando as encostas superiores para as pontas rosadas. Lentamente, suavemente, ele baixou o rosto para eles e pressionou beijos para as curvas pálidas. Ela arqueou, mas não fechou os olhos. Ela o viu tomar seu mamilo em sua boca, lavá-lo antes de tirar mais profundo. Sua mão quente suavizava suas costelas, até o quadril e a coxa, puxando a saia para cima quando ela levantou para ele. Ele encaixou seus corpos juntos facilmente, o comprimento duro dele deslizando profundamente em seu núcleo, direto para o coração dela.

Ele não se moveu e ela não queria. Seus olhares se encontraram, mesmo quando as suas mãos corriam sobre o corpo do outro. Acariciando. Acalmando.

Perdoando.

Ele estava deitado sobre ela, encaixando pele com pele, ainda olhando para o outro nos olhos, mesmo quando ele a beijou.

A intensidade da união roubou cada sensação que não era sobre eles. Ainda assim, ele não moveu seus quadris.

Não puxou ou ondulou de volta para ela. Agora, neste momento, eles eram um só. Não se tratava de luxúria ou necessidade ou dor. Foi comunhão. Sem palavras, ela sabia que ele queria ficar assim enquanto pudessem.

Mas havia palavras que ela precisava dizer.

"Eu te amo." Ela sussurrou, tocando o queixo, a boca, com os lábios enquanto falava.

Seu sorriso, quando chegou, ainda tinha o tom de tristeza, mas ela podia ver a esperança em seus olhos agora, também.

Poderia vê-la crescer. Ele pegou a mão dela em sua própria, puxando-a para baixo para que ele pudesse enrolar seus dedos. Um segundo depois, ele levou a outra também, movendo as duas logo acima de sua cabeça. Durou um segundo, ou talvez para sempre, mas por um momento perfeito, foi pura ligação entre eles. Mas então ele se moveu. Puxando



lentamente dela, facilitando a volta para dentro. A urgência, a necessidade de fogo, se transformou em algo diferente. Algo paciente, disposto a construir algo dentro deles.

"Mais." Ela levantou os quadris para ele, pedindo-lhe para encontrá-la. Estava pronta agora. Pronta para tudo que ele precisava lhe dar.

Seu olhar cintilou, sua expressão escurecendo, seu impulso cavando mais fundo.

"Mais." Ela apertou as pernas em torno dele, erguendo os lábios para o beijo.

Ele gemeu, sua boca apertando sobre a dela assim quando aumentou o seu ritmo. Ele dirigiu nela, movendo contra seu clitóris e enviando pulsos de prazer escuro através dela. Mas ela sabia que havia mais. Ela choramingou para ele, apertando os dedos mais apertados para ele. Mais rápido ele se movia através de seu sexo liso, mais duro, vaivém contra suas paredes sensíveis. Apenas primal, desesperado mergulho que roubou o fôlego e golpes de que ela não tinha percebido que tinha.

Ela gritou, seu corpo empurrando com a força de seu lançamento, e ainda assim, ele continuou se movendo. Mantinha mergulhando nela. Inchaço mais grosso, elevando seu orgasmo maior, em vez de trazê-la para baixo, até que, finalmente, ela estava resistindo debaixo dele quando ele gozou, derramando dentro dela enquanto gemia contra seu pescoço.

Ela soltou as mãos para apertar os ombros, segurando-se enquanto seus corpos lentamente resfriavam. "Eu quase nunca quero sair deste elevador."

Ele riu, mas não se moveu. "Nós podemos apenas levá-lo para casa com a gente."

Ela sorriu. Finalmente em casa.

Ele pareceu perceber como ela saboreou o caminho mais fácil, disse ele, porque a beijou, o encontro dela com o olhar de um mundo de significados nele.

"Casa."



EPÍLOGO

Julia não ouviu a abertura da porta tanto como a raquete que sempre acontecia quando a porta da frente abria. Limpou as mãos no pano de prato com um sorriso, antes de sair da cozinha em direção ao foyer. Como de costume, ela teve que navegar em um campo minado virtual de coisas fora, apesar de ter apenas pego os restos antes de ir para a cozinha e verificar o jantar.

O cão estava latindo animadamente. Quase dois anos de idade, o pequeno Kirby teve ainda que perceber que sendo um corgi¹, significava que ele não foi projetado para saltar muito mais alto do que o joelho de Grant, mas isso não quer dizer que ele não tentou.

Todo dia.

Como esperado, foi o caos habitual que encontrou. Grant tentando com uma mão abrir a porta fechada e trancar novamente, sua maleta no chão, já derramada em seu lado enquanto Kirby pulou como uma mola em forma de corgi. "Kirby, é o suficiente."

"Hey." Grant sorriu, finalmente trancando. Ele conseguiu mais um passo para ela, apesar dos risos e gritos e latidos do seu outro lado, já chegando a puxá-la para perto em um beijo. Julia desistiu de tentar ser severa. Este tinha sido o seu ritual da noite há um ano e foi um que ela sabia que ele amava tanto quanto o fez. "Bom dia, hoje?"

"Há um novo vazamento no tapete, mas de outra forma, muito bom. Você?"

Ele franziu a testa. "Nenhuma palavra de JD?"

"Oh, muitas palavras, mas eu lhe disse que não." Ela pegou o pedaço no outro braço, mas ele não a deixou escapar tão facilmente.



1



"Você está tentando me dizer que não quer fazer uma participação especial com a Harmônica LA?" Sua expressão disse a ela quão pouco ele acreditava nisso.

"Não este ano, não." Ela chegou de novo, mas de novo ele se esquivou. "Grant."

"Por que não?"

"Porque eu vou estar muito ocupada."

Em vez de entregar a ela o que estava pegando, ele colocou-a com um tapinha para que ele pudesse cruzar os braços e olhar fixamente para ela.

Julia só revirou os olhos e voltou para a sala de estar. Ele foi empurrando tão duro com isso por semanas, uma vez que ele se deu conta de que ela tinha estado esquivando as mensagens de JD. É claro, o traidor tinha provavelmente enviado a Grant, apenas para começar seu caminho. A vida tinha quase sido mais fácil quando eles se odiavam. "Eu não sei por que isso é tão importante para você."

"Porque é importante para *you*, mesmo que não vai admitir isso."

Ela parou de andar, olhando para o chão da sala. Quatro anos. Fazia quatro anos desde aquele fatídico dia no elevador que salvou seu casamento – em muitos aspectos, suas vidas, mas quando ele tomou esse tom, tudo isso veio correndo de volta para ela, como se tivesse acabado de acontecer. As promessas que tinha feito. Os medos que ainda escaparam e agora cada vez para tentar roubar o que era mais importante para eles.

Ele estava certo. Ela queria voltar a tocar. JD tinha oferecido a ela um lugar de solista convidada por seu desempenho no inverno. Quando ele perguntou, seu coração tinha saltado, mas os temores haviam chegado. A Freeway 5 não era uma estrada de montanha sinuosa, mas ainda assim foi uma longa viagem para Los Angeles. E irracionalmente, outro medo assombrava. Tinha a assombrado desde outubro passado.

Uma pequena mão, e covinhas suaves, agarrou sua perna.

Ela olhou para baixo em um rosto pequeno, dominado por sorrir olhos cinzentos.



Dillon. A outra bênção daquele dia do elevador. Ela tinha ficado apavorada no início, quando percebeu que estava grávida. Com medo de que não poderia passar por isso tudo de novo. Medo de que Grant não pudesse. Mas a coisa mais estranha que tinha acontecido. Tendo seu filho, vê-lo crescer dentro dela, havia curado uma parte de Grant que ela nunca pensou que iria encontrar a paz. Em muitos aspectos, tendo a vida minúscula dentro dela tinha iluminado as sombras dentro de sua própria alma, também. Mas Dillon tinha três agora, a mesma idade de Autumn, e não importa o quanto ela tentasse, não conseguia dominar os medos. Se ela pudesse acelerar o tempo, poderia correr até que ele tivesse quatro anos, ela se sentisse segura. Bem, mais segura. Com a oferta de JD, terror puro tinha atingido.

E Grant, maldito, estava observando e esperando que ela confessasse tudo.

Ela sentiu seus braços em volta dela. Teria sido mais fácil estar brava com ele se tivesse escolhido um argumento, mas não, ele permitiu que ela meditasse, lentamente, puxando-a para fora. Amando seus braços em volta dela, oferecendo conforto, porque ele sabia. Ele *sabia*.

"Ele tem *três anos*." Disse ela sem sentido, soprando um fôlego para que não iria chorar.

"Eu sei."

Ela assentiu com a cabeça, porque não havia muito mais o que dizer.

"Mas nós não podemos viver nossas vidas esperando o outro sapato para largar, lembra?"

Ela não queria assentir, mas fez. Porque ele estava certo. Era o que eles concordaram na terapia.

"Você quer tocar. Eu quero que você toque. JD quer que você toque. Mesmo Dillon quer que você toque."



Julia olhou para baixo, onde seu filho estava a cabeça loira, exagerando com seu macacão, não se importando nem um pouco se ela assumisse como convidada oito meses a partir de agora.

"Olhe por esse lado... Até Dezembro próximo, ele vai ter quatro."

Ela piscou, tudo o mais em seu curso ainda.

"Quando você precisar praticar, nós vamos ter uma babá. Ou uma babá em tempo parcial para ajudar. Nós não estaremos dirigindo lá até a hora do show. E ele vai ter quatro."

Ela sorriu, todo o seu corpo relaxando no seu. Ela colocou os braços sobre os dele, abraçando-o de volta.

"Você não deveria permitir-me, lembra-se?"

"Acho que só desta vez, ele vai ficar bem."

Ela não enganou a si mesma. Haveria sempre um pouco de medo. Mas ele estava certo. Eles sobreviveram a tanto, reconstruíram suas vidas e moveram-se para frente. Este foi apenas mais um passo.

Ele entrelaçou os dedos juntos. Ela olhou para eles, vendo seu filho olhando para ela, suas pequenas mãos gorduchas chegando para participar deles. Ele não tinha ideia do que significava, mas sabia que ele era parte dela. Parte deles. Ela abriu as mãos para pegá-lo, abraçá-lo perto e levando o cheiro do bebê persistente que ele ainda tinha a perder.

"Você me abraçou." Dillon deu uma risadinha.

"Eu beijo você também." Respondeu ela, salpicando seu rosto com beijos batendo altos e engolindo o medo de volta para baixo.

Grant passou os braços em torno de ambos e Julia suspirou uma última vez. Foi o suficiente.

"Eu vou chamar JD depois do jantar."

"Não há tempo como o presente." Grant retumbou com um sorriso antes de conseguir seu filho e correr para fora da sala com a criança gritando alegremente.



Ela balançou a cabeça, a felicidade que lhe deu tomando o lugar do medo, da maneira que sempre fez. Ele estava certo. Não há tempo como o presente...

FIM



Acesse meu blog: <http://angellicas.blogspot.com>